

IMIGRAÇÃO DE BRASILEIROS NA EUROPA: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E O IMAGINÁRIO A RESPEITO DO TERRITÓRIO EUROPEU

Roberta Rangel Batista¹

RESUMO

A migração de brasileiros para a Europa é um fenômeno evidente na contemporaneidade, sendo expressa numericamente de maneira significativa, com pontos de análises que percorrem desde o imaginário social até a percepção afetiva dos indivíduos. Argumenta-se que a saída dos brasileiros do país pode ser analisada a partir da importância das ideias e concepções sobre os objetos, grupos sociais, categorias e nações. A discussão deste fenômeno articula-se à Teoria das Representações Sociais desenvolvida pelo psicólogo social Serge Moscovici, uma vez que esta fundamenta a discussão das informações que circulam na sociedade, valorizando o senso comum. Discute-se a crença de que os países de destino contribuirão para o desenvolvimento de melhor qualidade de vida, remete a uma referenciação estereotipada de maneira positiva a respeito do território europeu. As concepções sobre a Europa possuem raízes históricas, e prevalecem desde tempos coloniais, fortalecendo uma visão eurocêntrica do mundo que hierarquiza países e culturas, demarcando status e posições sociais. Compreendendo que as representações sociais carregam uma carga cultural e ideológica, entende-se que as mesmas tornam-se alicerces para a construção das identidades sociais. Conclui-se, portanto, que as representações sociais a respeito das nações e categorias são as que imprimem funcionalidade e direcionamento à ação migratória, uma vez que conferem significados aos fenômenos sociais.

¹Graduada e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Atualmente é Doutoranda em Psicologia (Programa de Pós Graduação em Psicologia / UFES / Humboldt Universität zu Berlin), Pesquisadora da Rede de Estudos e Pesquisa em Psicologia Social (REDEPSO/UFES), Professora e Coordenadora do curso de Psicologia da Faculdade Multivix Serra.

O investimento em uma mudança de nação pode ser balizado por aquilo que os indivíduos julgam como socialmente mais bem avaliado e valorizado, fato que também compõe o processo de identificação social.

Palavras-chave: Migração. Europa. Teoria das Representações Sociais. Identidade Social. Processos psicossociais

ABSTRACT

The Brazilian migration to Europe is a contemporary phenomenon that presents significant numbers and analysis points that goes from the social imaginary to the individuals' affective perceptions. The exit of Brazilians can be analyzed from a continuum that exposes ideas and conceptions about objects, social groups, categories and nations. This phenomenon view can be articulated to the Theory of Social Representations, organized by the social psychologist Serge Moscovici, since it sustains the information that circulates in the society valuing the common sense. It is argued that there is belief about the destination countries that indicates those territories as providers to a quality of life. The conceptions about Europe are based in historical matters which prevail over the times, strengthening the vision about hierarchical countries and cultures, and demarcating the status and the social positions. Understanding that social representations carry a cultural and ideological connotation, it is considered that they also contribute to the social identities construction. It is concluded, therefore, that the social representations, regarding nations and categories, are those that impart functionality and direction to the migratory action, since they confer meanings to the social phenomena. The investment in a migration act can be marked by what individuals judge as a better socially evaluation, a fact that also composes the process of social identification.

Keywords: Migration. Europe. Social Representations Theory. Social Identity, psychosocial processes.

APRESENTAÇÃO

O presente artigo de revisão integra os trabalhos desenvolvidos durante a formação da autora em seu Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal do Espírito Santo (2012-2014). Desse modo, faz-se necessário contextualizar que o texto deste manuscrito foi pensado e organizado a partir da supervisão em disciplina do Professor Drº Lídio de Souza [*in memoriam*].

1 INTRODUÇÃO

Com a globalização, surgimento de novas tecnologias e a especialização do mercado e economia mundiais, há um crescente contato entre os diversos povos e culturas que tem possibilitado o surgimento de fenômenos de integração e contatos interculturais (SEBBEN, 2009; ZALPA, 2017). O fenômeno de migração, especialmente, se coloca enquanto vertente deste processo, favorecendo a comparação entre povos e culturas. A partir desta dinâmica, o fenômeno migratório desperta relações identitárias que podem conferir aos indivíduos migrantes experiências e noções diferenciadas frente à cultura do país de destino e frente à sua cultura de origem, (TAJFEL, 1983). A experiência de migração, e as ideias imaginadas a respeito do território de destino, possuem, por vezes, caráter positivo que, segundo Patarra (2006), são vinculados à expectativa de melhores condições de vida.

A migração internacional é um fenômeno de relevância social e demográfica (PATARRA, 2006). De acordo com *Global Migration Group* (2010), cerca de 200 milhões de pessoas, 3% da população mundial, vivem fora de seus países de origem, sendo que o maior número de imigrantes (aproximadamente 64 milhões) vive na Europa. Em se tratando da população imigrante proveniente do Brasil, o Ministério das Relações Exteriores (2011, 2014) afirma que mais de 900 mil brasileiros vivem no continente europeu.

A ação emigratória dos brasileiros tem sido impulsionada, principalmente, pelas oportunidades de trabalho e emprego que se apresentam em outros países (OLIVEIRA, 2016; SEBBEN, 2009; RIAL, 2008). Segundo DeBiaggi e Paiva (2004), no Brasil, a emigração é um fenômeno relativamente recente, pois o país

é considerado, em termos históricos e coloniais, como uma nação que recebe imigrantes e que possui em sua composição populacional descendentes de diversos povos e culturas.

O Ministério das Relações Exteriores do Brasil (2011, 2014) enfatiza que o destino que mais concentra brasileiros em seus territórios são os Estados Unidos e a Europa. Estas informações vão ao encontro do que afirma a *International Organization for Migration* (IOM, 2011), em um estudo a respeito das imigrações no continente europeu. Não obstante a crise econômica, que afetou a União Europeia nos últimos anos, o estudo afirma que a imigração no continente permanece em números crescentes (IOM, 2011). Apesar de indicar que os imigrantes também sofreram com a falta de empregos em decorrência da crise, a IOM informa que eles continuam a chegar nos 27 países que fazem parte do bloco econômico.

Patarra (2006) discute que a migração tem contribuído para a reflexão acerca das transformações econômicas, sociais, políticas, demográficas e culturais vigentes no âmbito internacional, especialmente a partir dos anos 1980. Desde então, o crescimento da migração internacional nos últimos anos é atribuído, principalmente, à crença de que os países de destino contribuirão para o desenvolvimento de uma melhor qualidade de vida, com o acesso a melhores recursos financeiros (BRZOZOWSKI, 2012; FAZITO; RIOS-NETO, 2008).

O contínuo que se estabelece em busca de melhores padrões de vida em países europeus remete a uma referenciação estereotipada de maneira positiva a respeito destes territórios. Importante destacar, contudo, que estas concepções sobre os países europeus possuem raízes históricas, e prevalecem desde tempos coloniais, fortalecendo uma visão eurocêntrica do mundo que hierarquiza países, raças e culturas (LANDER, 2007; LASTRES, 2010; RIBEIRO, 2010).

Este ideal europeu pode ser analisado, ademais, a partir da noção de hierarquia social e nacional que imprime hegemonia aos países colonizadores do Norte, não somente em termos do passado histórico colonial, mas também após a Segunda Guerra Mundial, reverberando-se até a contemporaneidade (CARRIÓ; FERNANDOIS, 2003; RIBEIRO, 2015). Assim sendo, observa-se que o brasileiro possui razões fundamentadas à memória social dos indivíduos que, possivelmente, sustentam estereótipos e representações sociais de caráter

positivo a respeito deste território (BATISTA; BONOMO; LUCAS, 2016; RODRIGUES, 2017; SÁ, 2007). Desse modo, o presente trabalho objetiva articular as concepções a respeito da migração de brasileiros para o continente europeu à Teoria das Representações Sociais, desenvolvida pelo psicólogo social Serge Moscovici, apresentando também as perspectivas que complementam a teoria.

1.1 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A Teoria das Representações Sociais (TRS) de Moscovici teve origem a partir da publicação de seu trabalho intitulado “*La Psychanalyse: Son image et son public*” (1961). Ao propor uma valorização do senso comum, sua importância, de acordo com Jovchelovitch (2000), consiste no fato de que “os atores sociais reúnem-se nas várias mediações da vida pública para falar e dar sentido ao cotidiano” (p. 40). As representações sociais são formadas, portanto, a partir das informações que circulam na sociedade, seja na fala dos sujeitos ou por meio dos meios de comunicação que influenciam direta ou indiretamente o pensamento social (MOSCOVICI, 2003).

Conhecê-las pode auxiliar na compreensão da maneira pela qual os indivíduos se posicionam frente às categorias e organizações sociais. Moscovici (2003) afirma que as representações sociais possuem duas funções: (1) elas tornam convencionais os objetos, de acordo com aquilo que já está, de certa forma, dado em nossa cultura; e (2) são prescritivas, ou seja, nos são impostas como resultados de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo, como produto de sucessivas gerações. O autor salienta ainda que as representações sociais, “uma vez criadas pelas pessoas e grupos, adquirem vida própria e circulam, se encontram, se atraem e se repelem dando a oportunidade para o nascimento de novas representações” (MOSCOVICI, 2003, p. 41).

Visto que as representações sociais possuem uma carga cultural e ideológica, Moscovici (2003) discute, ainda, os conceitos de ancoragem e objetivação que, dentro da teoria, procuram explicar os mecanismos que transformam *o não familiar em algo familiar*, traduzindo-o em imagens concretas de modo dialético. O autor explica que a ancoragem consiste em um processo que transforma algo estranho, que intriga o sistema particular de categorias dos

indivíduos, em paradigmas e categorias que os parecem apropriadas e familiares (MOSCOVICI, 2003). Já a objetivação consiste em reproduzir um conceito ou ideia em uma imagem ou dimensão icônica (MOSCOVICI, 2003). Ambos os conceitos sustentam o modo como são criadas e simbolizadas as representações sociais.

Vale informar que, a partir da *grande teoria* de Serge Moscovici, outros teóricos desenvolveram abordagens complementares à mesma. Uma delas, denominada “Teoria do Núcleo Central” (TNC) e desenvolvida por Abric (1993), propõe uma organização aos elementos que compõem a representação social.

Destaca-se também, como complementar à *grande teoria*, a abordagem processual (BANCHS, 2011; JODELET, 2005, MARKOVÁ, 2006), que adota o conceito sobre o objeto da representação como um recurso para a análise dos processos de ancoragem e objetivação, assumindo-o em suas antíteses e oposições. A perspectiva processual, como indica Banchs (2011), se aproxima do processo de construção social que dá lugar ao papel das interações em um espaço de significados.

Por fim, evidencia-se a abordagem societal, proposta pela Escola de Genebra, de Willem Doise, também conhecida como abordagem não-consensual. Esta abordagem, segundo Doise (2002), consiste em quatro níveis de análise (intraindividual, interindividual, nível posicional e sistema de crenças), que pretendem articular explicações de ordem individual e de ordem societal para mostrar de que forma o indivíduo possui processos que o permitem funcionar em sociedade.

As abordagens complementares à Teoria das Representações Sociais auxiliam na tarefa de compreender de que maneira as representações sociais circulam nas sociedades e de que forma os indivíduos delas se apropriam. Doise (2002) afirma que o estudo das representações sociais, como princípios organizadores, remete a três hipóteses: (1) a de que os indivíduos compartilham significados por meio da comunicação social; (2) às tomadas de posição e motivos pelos quais os indivíduos se diferenciam entre si nas relações que mantêm com as representações sociais; e (3) às ancoragens com base em outras realidades simbólicas e coletivas.

A respeito das realidades em que são ancoradas as representações, Trindade (2005) observa que as redes de significados sociais podem variar

drasticamente conforme grupos, regiões, momentos históricos e elementos relacionados à expressão da cultura. Desse modo, a pertença dos indivíduos aos grupos e categorias sociais torna-se relevante à compreensão das representações sociais dos mesmos, bem como estas mesmas representações auxiliam a compreensão dos comportamentos e ações tomadas pelos indivíduos.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 BRASILEIROS NA EUROPA E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO TERRITÓRIO EUROPEU

Tendo em vista a conjuntura apresentada, pode-se considerar que, assim como a pertença aos grupos e às crenças de um determinado tempo, as representações sociais não podem ser dissociadas de um diálogo com a história (CARVALHO; ARRUDA 2008). O diálogo entre a história e a teoria mostra-se elementar quando se quer investigar, por exemplo, a maneira pela qual os indivíduos concebem e reproduzem conceitos e ideias sobre determinado fenômeno.

Considerando o fenômeno de saída dos brasileiros como sendo fortalecido por elementos econômicos e de hierarquia social (VALERO-MATAS; COCA; MIRANDA-CASTAÑEDA, 2010; PATARRA, 2005; PISCITELLI, 2007; RODRIGUES, 2010), Batista (2014) defende que, possivelmente as representações sociais construídas pelos brasileiros, a respeito da Europa e do ser europeu, ancoram-se em elementos históricos perpetuados ao longo do tempo. Sobre esta configuração, Ribeiro (2010) afirma, por exemplo, que os livros didáticos no Brasil apontam para uma histórica valorização e predominância do padrão branco-ocidental, desde os tempos da colonização, que desqualifica o que não é de herança europeia.

A formação do pensamento e da organização social possui fundamentações que orientam aquilo que é desejado socialmente e o que é minoritário, tanto em termos de grupos e categorias quanto em termos de nações, povos e culturas (MOSCOVICI, 2011). Logo, a cultura hegemônica sinaliza quais são os atributos mais valorizados pela sociedade dominante,

perpetuando e demarcando posições na escala social (TAJFEL, 1983; TRINDADE, 2005).

As imagens de cinema, livros e mídias, em geral, muitas vezes favorecem a propagação de noções que são de interesse de uma elite, em sua grande maioria, branca, europeizada e economicamente abastardas (RIBEIRO, 2010). Por consequência, instaura-se uma ação comunicativa que vincula os sujeitos aos objetos sociais, delimitando o padrão que deve ser alcançado pelos indivíduos a fim de obterem uma autoimagem social positiva (BATISTA; BONOMO; LUCAS, 2016; JOVCHELOVITCH, 2004; TAJFEL, 1983).

Tonini (2002) analisa a forma como a geografia começou a descrever o mundo com base em estudos da Europa moderna já alfabetizada, urbanizada e industrializada. Segundo a autora, a partir destes primeiros modelos, as regiões geográficas, as etnias e as culturas foram hierarquizadas conforme um modelo europeu. Os não-europeus, de acordo com Tonini (2002), passam a ser considerados como inferiores aos europeus “civilizados”, urbanizados e “superiores”.

Assim sendo, é possível observar que as representações sociais a respeito do território europeu, especialmente da Europa ocidental, possuem fundamentos históricos e sociais que permitem uma reflexão fundamentada não apenas pela questão econômica e mercadológica dos dias atuais, mas também pelo imaginário de sociabilidade considerada hegemonicamente dominante (NOWICKA; RYAN, 2015). A partir desta perspectiva, a hierarquia estabelecida entre grupos, etnias e territórios nacionais sugere a circulação de representações sociais que avaliem o território europeu como mais vantajoso e propenso a oferecer uma vida melhor aos para lá emigram (TAJFEL, 1983).

Manter este status social positivo favorece a manutenção de uma pertença psicológica a uma categoria ou grupo bem quisto socialmente, acionando processos de identidade (TAJFEL, 1983). As representações sociais que circulam em meio a uma sociedade possuem, portanto, papel fundamental na estruturação dos estereótipos que são vinculados a cada grupo (FRANCO, 2004; MOSCOVICI, 2003, 2011). Pertencer a um grupo que possui um *status* social positivo relaciona o indivíduo também a este *status*. No caso dos brasileiros imigrantes na Europa, há a possibilidade de que a emigração possa fortalecer a identidade social do indivíduo migrante, uma vez que o *status*

vinculado ao território, e ao grupo europeu, possui caráter positivo mais elevado, ancorado em um histórico colonial de submissão dos países da América Latina (BRZOZOWSKI, 2012; LASTRES, 2010; CARRIÓ; FERNANDOIS, 2003).

Logo, é importante ressaltar que as representações sociais constituem alicerces para a construção das identidades. Bonomo, Souza, Menandro e Trindade (2011) pontuam que a comunicação mantida por uma comunidade cria e transforma crenças a respeito de seu próprio grupo e de outro grupo externo a ela. Assim sendo, as representações sociais dão suporte à identidade do grupo, fortalecendo as crenças que os indivíduos possuem a respeito, por exemplo, de seu próprio povo e de seu próprio país. Segundo Liu (2012), a estrutura do pensamento social de um país e de uma cultura é importante para que se desenvolva uma perspectiva cultural das relações entre os grupos e nações, de modo a compreender de que maneira a sociedade se organiza.

No caso dos brasileiros imigrantes, pode-se salientar que as representações sociais de cunho positivo sobre o continente europeu possibilitaram uma justificativa para o processo migratório (MOSCOVICI, 2003). Contudo, vale destacar que o sentimento de pertença associado a um grupo ou nação deve sempre considerar os afetos relacionados a esta mesma pertença. Sendo a pertença intergrupual psicológica, é pertinente dizer que o emigrante brasileiro em território europeu pode continuar a sentir-se como pertencente ao grupo de seu país de origem ou passar a se sentir como pertencente ao grupo de cidadãos do país em que reside (TAJFEL, 1983). No entanto, ressalta-se que esta pertença psicológica aos grupos não é estanque, podendo os indivíduos possuir tantas identidades quantas forem suas pertenças aos diferentes grupos sociais e nacionais (TAJFEL, 1978).

As representações sociais, embora orientem e justifiquem a prática migratória (MOSCOVICI, 2003), não se configuram como prerrogativa única para que os indivíduos restrinjam o contato com o grupo de origem ou até mesmo para que rejeitem a possibilidade de retorno ao país (PEREIRA; SIQUEIRA, 2013).

3 CONCLUSÃO

A partir da articulação apresentada, pode-se constatar que a busca por melhores condições de vida em outro país, mesmo que em tempos de crise econômica no bloco europeu, continua a voltar-se para a Europa de maneira significativa. Visto que representações sociais de cunho favorável referentes a este território ainda possuem notoriedade dentro a hierarquia social estabelecida, o imigrante fundamenta-se em razões outras que não apenas as oportunidades econômicas e de trabalho no país de destino.

Analisa-se que a decisão de migrar, possivelmente, seja impulsionada também por construções históricas e culturais, que vigoram desde tempos coloniais, dando origem às representações e estereótipos de caráter positivo sobre o grupo europeu e sobre a Europa. Compreendendo que as representações sociais carregam uma carga cultural e ideológica, entende-se que as mesmas tornam-se alicerces para a construção das identidades sociais.

Desse modo, conclui-se que as representações sociais a respeito das nações e categorias são as que imprimem funcionalidade e direcionamento à ação migratória, uma vez que conferem significados aos fenômenos sociais. Ademais, ratifica-se a importância de que outros estudos se aprofundem na compreensão do imaginário social, a partir das representações sociais de um grupo, a fim de que seja possível obter uma análise mais integrada sobre as percepções e práticas sociais de seus membros.

Agradecimentos

Ao Professor Lídio de Souza [*in memoriam*], expresso meu respeito e agradecimento por me instigar a pensar a Psicologia a partir de um olhar crítico à realidade social. À Professora Dr^a Mariana Bonomo por contribuir significativamente para a escrita deste texto. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa concedida durante o período de Mestrado, no qual este artigo foi desenvolvido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIC, J. C. Central System, Peripheral System: Their functions and roles in the dynamics of Social Representations. **Papers on Social Representations**, v. 2, n. 2, p. 75-78, 1993.

BANCHS, M. A. Leitura epistemológica da teoria das Representações Sociais. Reflexões rumo a um sentido comum menos comum e com mais sentido. In ALMEIDA, A. M. O.; SANTOS, M. F. S.; TRINDADE, Z. A. **Teoria das representações sociais: 50 anos**. Brasília: Technopolitik, 2011. p. 225-258.

BATISTA, R. R. **Brasileiros imigrantes na Europa: das representações sociais aos processos identitários**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014. 301p.

BATISTA, R. R.; BONOMO, M.; LUCAS, J. N. Imigrantes capixabas na Itália: processos identitários e trajetórias de vida. **Périplos – Revista de Pesquisa sobre Migrações**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 105-127, 2016.

BONOMO, M.; SOUZA, L.; MENANDRO, M. C. S.; TRINDADE, Z. A. Das categorias aos grupos sociais: representações sociais dos grupos urbano e rural. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 31, n. 4, p. 676-689, 2011.

BRZOZOWSKI, J. Migração internacional e desenvolvimento econômico. **Estudos Avançados**, v. 26, n. 75, p. 137-156, 2012.

CARVALHO, J. G. S.; ARRUDA, A. Teoria das representações sociais e história: um diálogo necessário. **Paidéia**, v. 18, n. 41, p. 445-456, 2008.

CARRIÓ, M.; FERMANDOIS, J. Europa Occidental y el desarrollo chileno 1945-1973. **Historia**, Santiago, v. 36, n. 1, p. 07-60, 2003.

DEBIAGGI, S. D.; PAIVA, G. J. **Psicologia, e/imigração e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

DOISE, W. Da Psicologia Social à Psicologia Societal. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 18, n. 1, p. 27-35, 2002.

FAZITO, D.; RIOS-NETO, E. L. G. Emigração internacional de brasileiros para os Estados Unidos: as redes sociais e o papel de intermediação nos

deslocamentos exercido pelas agências de turismo. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 25, n. 2, p. 305-323, 2008.

FRANCO, M. L. P. B. Representações Sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 121, p. 169-186, 2004.

GLOBAL MIGRATION GROUP. **International migration and Human Rights. Challenges and opportunities on the Threshold of the 60th anniversary of the Universal Declaration of Human Rights**, 2010. Disponível em: https://www.unfpa.org/webdav/site/global/shared/documents/publications/2010/int_migration_human_rights.pdf. Acesso em: 29 jun. 2018

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION. **Migration and the economics crisis in the European Union: Implications for Policy**. Regional Mission to Belgium, Luxembourg, 2011. Disponível em: http://publications.iom.int/system/files/pdf/migration_and_the_economic_crisis.pdf. Acesso em 29 jun. 2018.

JODELET, D. **Loucuras e Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 2005.

JOVCHELOVITCH, S. **Representações Sociais e Esfera Pública. A construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2000.

JOVCHELOVITCH, S. Psicologia Social, Saber, Comunidade e Cultura. **Psicologia & Sociedade**, v. 16, n. 2, p. 20-31, 2004.

LANDER, E. Marxismo, eurocentrismo e colonialismo. In: BORON, A. et al. **A teoria marxista hoje: problemas e perspectivas**. Clacso Livros/ Expressão Popular: São Paulo, 2007. p. 222-260.

LASTRES, H. M. M. Desafios e oportunidades para políticas de desenvolvimento produtivo e inovativo no terceiro milênio. **Parcerias Estratégicas Edição Especial**, v. 15, n. 31, p. 295-302, 2010.

LIU, J. H. A cultural perspective on intergroup relations and social identity. **Online Readings in Psychology and Culture**, v. 5, n. 3, p. 1-16, 2012.

MARKOVÁ, I. **Dialogicidade e Representações Sociais: as dinâmicas da mente**. (FILHO, H. M., Trad.). Petrópolis: Vozes, 2006.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. **Brasileiros no Mundo – Estimativas**, 2011. Disponível em: <http://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/BRMundo/pt-br/file/Brasileiros%20no%20Mundo%202011%20-%20Estimativas%20-%20Terceira%20Edi%C3%A7%C3%A3o%20-%20v2.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2018.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. **Estimativas das comunidades brasileiras no mundo**, 2014. Disponível em: <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades/estimativas-populacionais-brasileiras-mundo-2014/Estimativas-RCN2014.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2018.

MOSCOVICI, S. **La Psychanalyse, son image et son public**. Paris: PUF, 1961.

MOSCOVICI, S. (2003). **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 4ª Edição, (GUARESCHI, P. A., Trad.). Petrópolis: Vozes, 2003.

MOSCOVICI, S. **A Psicologia das minorias ativas**. Grupo de leitura “Ideologia, Comunicação e Representações Sociais” (Trads.). Petrópolis: Vozes, 2011.

NOWICKA, M.; RYAN, L. Beyond insiders and outsiders in migration research: rejecting a priori commonalities. Introduction to the FQS thematic section on "researcher, migrant, woman: methodological implications of multiple positionalities in migration studies". **Forum: Qualitative Social Research**, v. 16, n. 2, art. 18, 2015

OLIVEIRA, P. M. Migração e colonialidade: pensando o imigrante brasileiro em Londres. *Revista Eixo*, Brasília, v. 5, n. 2, p. 71-80, 2016.

PATARRA, N. L. Migrações Internacionais de e para o Brasil contemporâneo: Volumes, Fluxos, Significados e Políticas. **São Paulo em Perspectiva**, v. 19, n. 3, p. 23-33, 2005.

PATARRA, N. L. Migrações Internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. **Estudos Avançados**, v. 20, n. 57, p. 07 – 24, 2006.

PEREIRA, S.; SIQUEIRA, S. Migração, retorno e circularidade: evidência da Europa aos Estados Unidos. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**, v. 21, n. 41, p. 117-138, 2013.

PISCITELLI, A. Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiras para a Itália no marco do “turismo sexual” internacional. **Estudos Feministas**, v. 15, n. 3, p. 717-744, 2007.

RIAL, C. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol no exterior. **Horizontes Antropológicos**, v.14, n. 30, p. 21-65, 2008.

RIBEIRO, G. R. O afro-brasileiro e sua representação no livro didático de língua materna. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 49, n. 1, p. 101-113, 2010.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

RODRIGUES, T. F. Dinâmicas migratórias e riscos de segurança: A velha Europa. **Relações Internacionais**, v. 26, n. 1, p.113-129, 2010.

RODRIGUES, D. Patrimônio cultural, memória social e identidade: interconexões entre os conceitos. **Letras escreve**, v. 7, n. 4, p. 337-361, 2017.

SÁ, C. P. Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 20, n. 2, p. 290-295, 2007.

SEBEN, A. **Expatriados.com: um desafio para os rhs interculturais**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2009.

TAJFEL, H. **Differentiation between social groups - studies in the social psychology of intergroup relations**. London: European Association of Experimental Social Psychology, 1978.

TAJFEL, H. **Grupos humanos e categorias sociais – Estudos em Psicologia Social. Volume II**. Lisboa: Livros Horizonte. (AMÂNCIO, L., Trad.), Obra original publicada em 1981, 1983.

TONINI, I. M. (2002). **Identidades capturadas: gênero, geração e etnia na hierarquia territorial dos livros de Geografia**. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

TRINDADE, Z. A. Comunicação e socialização do conhecimento: o boato e a fofoca como objeto de estudo das representações sociais. In OLIVEIRA, D. C.;

CAMPOS, P. H. F. **Representações Sociais, uma teoria sem fronteiras**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005. p. 71-84.

VALERO-MATAS, J. A.; COCA, J. R.; MIRANDA-CASTAÑEDA, S. The migratory flows in Spain: an analysis of the migration and immigration input from European Union. **Papeles de Población**, v. 16, n. 65, p. 233-256, 2010.

ZALPA, G. Cultura, patrimônio cultural e globalização. **Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade**, v. 3, n. especial, p. 286-301, 2017.